

PENSAMENTO INDEXICAL: O PROBLEMA DA APREENSÃO DA VERDADE DE UMA SENTENÇA NO PENSAMENTO

INDEXICAL THOUGHT: THE PROBLEM OF APPREHENSION OF THE TRUTH OF A SENTENCE IN THOUGHT

Caio César Costa Santos

Universidade Federal de Sergipe, SE, Brasil. E-mail: caio-costa@live.com

DOI: <https://doi.org/10.46550/amormundi.v2i2.65>

Recebido em: 29.01.2021

Aceito em: 30.02.2021

Resumo: É possível apreender um valor de verdade no pensamento? Esta é a questão central deste artigo. Para responder a este problema, recorro, inicialmente, à obra *Investigações Lógicas* de Frege (2002 [1919]) na qual ele deixa claro que é sim possível inferir que há valor de verdade no pensamento. Explico, então, como isto é possível já que o próprio pensamento é uma categoria não-lógica e até certo ponto imperceptível quando se considera uma sentença lógico-gramatical. Por conseguinte, analiso detidamente algumas sentenças e tento o máximo possível aproximá-la de seu valor de verdade, mesmo se este seja inferido do fluxo do pensamento. Por fim, saliento que os pensamentos indexicais, termo originado de Récenati (2013), é uma espécie de pensamento superior anterior ao pensamento de uma sentença.

Palavras-chave: Pensamento. Indexical. Verdade. Sentença.

Abstract: *Is it possible to apprehend a truth value in thought? This is the central issue of this article. To answer this problem, I initially resort to Frege's Logical Investigations (2002 [1919]), in which he makes it clear that it is possible to infer that there is truth value in thought. I explain, then, how this is possible since thought itself is a non-logical and to some extent imperceptible category when considering a logical-grammatical sentence. Therefore, I analyze some sentences carefully and try as much as possible to bring it closer to its truth value, even if it is inferred from the flow of thought. Finally, I emphasize that indexical thoughts, a term originated from Récenati (2013), are a kind of previous superior thought to the thought of a sentence.*

Keywords: *Thought. Indexical. Truth. Sentence.*

1 Introdução

Há vida enquanto houver pensamento. O pensamento existe porque a linguagem o corporifica, torna-o uma substância significante. Em termos mais lógicos, toda sentença é objeto do pensamento. Porém, o que contraria os lógicos de plantão é que as leis psicológicas do pensamento não podem prever o fluxo lógico-gramatical de uma sentença. No entanto, encontrei em um escrito de Gottlob Frege (1848-1925) a seguinte afirmação: “a lógica poderia tratar do processo psíquico do pensar e das leis psicológicas que o envolvem” (FREGE, 2002, p. 11). Dito isto, o presente artigo tem os objetivos de: a) analisar algumas sentenças criadas pelo próprio Frege e por outros filósofos da linguagem e b) demonstrar que é possível a



constatação do valor de verdade em sentenças que têm como objeto o pensamento. No primeiro tópico, examino algumas passagens da obra de Frege (2002 [1919]) em *Investigações Lógicas* nas quais fica claro que se deve levar em consideração também, na análise de uma sentença, o processo psíquico do pensar. E, no segundo tópico, apresento, com base nos postulados fregeanos, o ponto culminante de minha tese: a de que os pensamentos indexicais são uma espécie de pensamento superior anterior ao objeto do pensamento de uma sentença. Para isto, recorro ao conceito de “pensamento indexical” de François Récenati (2013).

2 A categoria “pensamento” para Frege

Até adentrar profundamente no tema em particular deste artigo, preciso concentrar-me na exposição do fundamento da filosofia de um pensador que historicamente deu luz à aparição da Filosofia Analítica no contexto filosófico. Este autor é Gottlob Frege (1848-1925). A Filosofia da Linguagem junto às figuras de Bertrand Russel (1872-1970) e Rudolf Carnap (1891-1970), que foram os sucessores de Frege, não será mais a mesma logo quando termina o século XX. Estes dois filósofos, juntos, disseminam na Europa e em sua amplidão geográfica, os postulados fregeanos que, ao meu ver, foram as raízes da criação de conceitos, formas, teorias sobre as questões da linguagem e, mais precisamente, sobre os aspectos eminentemente linguísticos. Embora cercados por um positivismo lógico clássico originado de Frege e, por outro lado, pelo estruturalismo dos franceses, até porque ambas correntes filosóficas estavam sendo difundidas em toda a amplidão da Europa, as teorias linguísticas destes autores (Russel e Carnap) constroem uma *forma* para *enformar* a substância linguística que é o substrato das experiências ordinárias da vida cotidiana. Enquanto Russel designa problemas filosóficos mais gerais como a conquista da felicidade, a condição da liberdade ou a educação e a análise da mente (sem deixar de mencionar sua profunda contribuição para o Logicismo), Carnap concentra-se na divisão dos estudos da linguagem em três grandes áreas, são elas: a Sintaxe, a Semântica e a Pragmática.

No entanto, no começo de nossa tarefa, para contemplarmos e darmos mais ênfase profundamente ao tema de nosso texto, a saber, os *pensamentos indexicais*, é de suma importância citar algumas passagens do escrito de Frege (2002, [1919]) sobre a construção do *pensamento* dentro de uma investigação lógica porque, foi, embebido pelo Positivismo Lógico de Frege, que François Récenati (1952- ?), deu ao termo *pensamentos indexicais*, o seu merecido constructo conceitual. Resta-nos, em primeira mão, dizer que o termo *pensamentos indexicais* aparece primeiramente em Récenati com o sentido de arquivo mental originado da memória demonstrativa. Frege (2002) está na linha de argumentação do conceito de verdade, sobre se um determinado objeto existente no mundo é verdadeiro ou falso. Segundo ele, cabe à lógica discernir as leis do ser verdadeiro. E é, portanto, na esteira deste raciocínio que Frege (2002) na obra *Investigações Lógicas* no capítulo *O pensamento: uma investigação lógica* defende a sua tese em torno do conceito de verdade o qual aparece segundo às leis do pensamento. É justamente neste texto, sobre o pensamento, que Frege passa a acreditar que a lógica poderia, mesmo sendo uma atitude paradoxal, tratar do processo psíquico do pensar e das leis psicológicas que o envolvem. Inicialmente, Frege (2002, p. 11) se questiona: “as leis da lógica não poderiam também estar envolvidas nesse processo psíquico?”.

Neste sentido, Frege, a título de exclusividade, quer, neste texto em particular, atribuir à Psicologia ou às leis psicológicas um lugar no confronto com a Lógica. Até porque o próprio

termo “psicológico” é formado por dois vocábulos - psico - que tem a ver com *Psiché* - e - lógico - que tem a ver com *Logos*. Logo, é possível pensar que há uma certa sintonia entre ambos termos à primeira vista etimologicamente. No texto supracitado de Frege, ele expõe que a verdade só pode ser verdade dentro de padrões lógicos, ou seja, dentro de uma conexão intrínseca entre aquilo que é verdadeiro e aquilo que não é (falso). O que não é, não pode ser e o que é, só pode ser. Mas, e no tocante às leis do pensamento? É sabido que o conceito de verdade pode ser atribuído a imagens, ideias, sentenças e pensamentos. Logo, o que pensar, ao lado das coisas visíveis e audíveis, coisas que não podem ser percebidas pelos sentidos? (FREGE, 2002, p. 12). E Frege (2002, p. 12) continua seu raciocínio perguntando-se: “uma imagem, enquanto um objeto visível e palpável, poderá ser dita propriamente verdadeira?”. Frege tem em sua mente o prolongamento conceitual da noção de imagem pierceana quando Peirce (1839-1914) a cria em sua obra magistral *Semiótica*.

Uma ideia ou uma imagem provinda desta ideia não pode ser em si mesma verdadeira sem levar em conta sua correspondência com algo. Este é o legado deixado por Peirce (1977) e que Frege a recupera. No entanto, ao aspecto de correspondência entre uma coisa e outra, sendo imagem ou o próprio objeto concreto, tal correspondência só passa a ser “perfeita” quando ambas coisas, objeto e imagem, se coincidem. Aí Frege dá o exemplo da cédula: é preciso superpor a imagem da cédula a cédula autêntica. Porém, o problema em questão é que é absolutamente essencial, segundo Frege, que o objeto real seja *distinto* da ideia. Mas, aí pensaríamos não em uma verdade perfeita, mas em uma meia-verdade, um simulacro ou uma pseudoverdade, pois o fato de “ser verdadeiro” não admite um mais ou menos. O que deveríamos fazer então com as leis psicológicas do pensamento? Frege (2002) expõe que quando se diz que uma imagem é verdadeira não se está inferindo que ela é verdadeira tão somente por ela, mas que esta imagem está se referindo à alguma coisa que, na melhor das hipóteses, é semelhante ou correspondente a ela. Frege (2002) usa o exemplo da Catedral de Colônia. Se minha ideia corresponde à Catedral de Colônia, como inferir que o conteúdo que me aparece é verdadeiro? Como conhecer a sua propriedade e, mais, o que há de verdadeiro entre a relação entre o objeto real e a imagem? Se indagamos que é verdadeiro o sentido de uma sentença (um arranjo de sons, uma sequência de palavras, etc.), o sentido de uma sentença será uma ideia? Numa primeira interpretação, o sentido de algo ser verdadeiro não reside na correspondência deste sentido com algo de distinto, senão a questão se repetiria ao infinito. (FREGE, 2002, 14).

Mas, e quanto à categoria do pensamento? Frege não atribui uma definição em particular para o pensamento, ele prefere se afastar deste objetivo. No entanto, ele diz que o pensamento é algo sobre o qual pode se perguntar pela verdade. Na designação fregeana, pensamento é algo, em si mesmo imperceptível pelos sentidos, e que “veste-se com a roupagem perceptível da sentença, tornando-se assim para nós mais facilmente apreensível. Dizemos que a sentença expressa um pensamento”. (FREGE, 2002, 14-15). Ou, dito em outros termos, a linguagem incorpora a substância do pensamento, dar corpo ou dar luz, tornar-se, de certo modo, algo dado existente. Sendo assim, o pensamento torna-se algo “concreto” pela intermediação da linguagem. E, num sentido lógico, através da sentença. A sentença não só expressa, mas representa a imagem da representação do pensamento. O pensamento por si só é algo de natureza imperceptível. Nesta medida, a sentença dar existência ao pensamento, o torna apreensível. No prolongamento do raciocínio de Frege, a verdade vem novamente à tona. Ele se questiona: no sentido do pensamento,

a verdade seria uma propriedade que corresponde a um certo indício de impressão sensorial? Do Sol que se levanta, para percebermos isto não estaríamos nos utilizando de impressões sensoriais? Para tudo que é perceptível não é necessária uma correspondência com a sensibilidade?

Para a resposta a estas questões, Frege (2002, p. 15) afirma que “não podemos reconhecer que uma coisa tem uma propriedade sem que, ao mesmo tempo, tomemos como verdadeiro o pensamento de que esta coisa possui propriedade”. Ou seja, seguindo o princípio da lógica de designação fregeana, antes mesmo de passar a produzir uma sentença, a produção desta sentença só será verdadeira se o pensamento que a formou, dentro de sua origem, for verdadeiro. Sendo assim, “a toda propriedade de uma coisa está associada uma propriedade do pensamento” (FREGE, 2002, 15). O pensamento antecede a sentença e esta sentença só será verdadeira se antes o pensamento o for. No contexto do pensamento, a verdade da sentença “senti cheiro de violetas” fixado no papel ou produzido sonoramente não é suficiente, pois a mera interpretação através de fatos intrínsecos ao sistema linguístico de tal sentença não a leva a ser perfeitamente verdadeira. Mas, por que? Frege explica que se as leis psicológicas do pensamento ou o próprio pensamento antecede sistematicamente a sentença, então é necessário voltar para as *origens* da produção da sentença. Numa sentença como esta (“senti cheiro de violetas”), o reconhecimento da expressão do pensamento é preponderante. Como Frege (2002, p. 20) nos diz: “se o tempo do verbo é empregado para fazer uma indicação temporal, então é preciso saber quando a sentença foi proferida, para se apreender corretamente o pensamento. Pois, o tempo em que ela foi proferida é também parte da expressão do pensamento”.

O que fica registrado deste raciocínio? De que o mero enunciado verbal não é a expressão completa do pensamento. Este é o ponto problemático da teoria logicista de Frege: é preciso recorrer a uma ideia, a uma imagem ou a uma memória para uma interpretação “completa” do enunciado. Seria “completa” por dizer, porque a semiose de uma análise de um texto nunca encontra um fim absoluto, sempre existirão canais e mais canais de significação por onde entram as múltiplas semioses. Numa sentença como “senti cheiro de violetas”, estão em diálogo os índices de subjetividade (a pessoalidade), de espacialidade e de temporalidade. É preciso então recorrer à teoria dos dêiticos (LAHUD, 1979; BENVENISTE, 1989; LEVINSON, 2007; SANTOS, 2014). Neste caso, o pensamento da sentença e o pensamento de ser verdadeiro é uma só e mesma coisa. Deve-se, pois, voltar ao germe que desencadeou e produziu tal sentença, em outras palavras, deve-se ressuscitar o passado indicial, as pistas que foram deixadas para trás, deve-se voltar ao ponto anterior a *Origo*, para usar um termo benvenistiano. À verdade do pensamento depende da verdade das circunstâncias, sejam elas, subjetivas, espaciais e temporais. À sentença “senti cheiro de violetas” é preciso, para que a asserção seja verdade, do reconhecimento por parte do enunciador da verdade do acontecimento e, mais, da interiorização das leis do pensamento anterior ao pensamento-sentença. Torna-se preciso então a própria existência do enunciador em carne e osso, a exata localização do acontecido e a temporalização nascente do enunciado, creio que todos estes aspectos formam uma enunciação mais próxima da constatação de ser verdadeira. O caso é que, nesta sentença em particular, para que se diga que a sentença seja verdadeira é preciso exclusivamente da *impressão sensorial do enunciador*. Se caso fosse eu quem tivesse dito esta sentença, eu mesmo que seria a única pessoa a constatar que o que eu sinto é um cheiro de violetas. Algo parecido acontece em um exemplo que Frege (2002) constrói, vejamos:

Considere-se o seguinte caso. O Dr. Gustav Lauben diz: “Eu fui ferido”. Leo

Peter ouve isto, e alguns dias depois, relata: “O Dr. Gustav Lauben foi ferido”. Esta sentença exprime o mesmo pensamento que o proferido pelo próprio Dr. Lauben? Suponhamos agora que Rudolf Lingens estivesse presente quando o Dr. Lauben falou e ouve agora o que Leo Peter relata (...) (FREGE, 2002, p. 21).

Ao ler esta citação, nós nos perguntaríamos se poderia um pensamento se apresentar diante de todos os homens como o mesmo pensamento, assim como, por exemplo, uma mesa se apresenta a mesma para nós? A resposta é que o pensamento pode ser o mesmo em sua propriedade de existir, em seu modo de aparecer a nós em nossa mente, porém, o *germe* do pensamento nunca, jamais será o mesmo. O que eu quero dizer com isto? Que o ponto originário, a forma constituinte deste modo de pensar é único, singular, não pode jamais atravessar todos os pensamentos de todos os homens com a mesma propriedade, com a mesma forma ou a mesma substancialidade. O mundo interior, das impressões sensoriais, das criações, das imaginações não é o mesmo do que em uma totalidade de pessoas. O mesmo se pode dizer que quando eu vejo uma árvore em minha mente, eu não posso dizer que o outro a ver com as mesmas qualidades intensivas e extensivas. Na sentença acima, a lógica não é assim tão clara. Primeiro que o Dr. Lauben foi ferido. Uma instância que já passou, já aconteceu e nenhum dos conhecidos dele, Leo Peter e Rudolf Lingens não testemunhou, não viu ou presenciou, apenas ouviu falar que ele, o Dr. Lauben, foi ferido. O acontecido na mente ou o pensamento dos três não é o mesmo. Vejamos o porquê.

Primeiro que se a ideia de ser ferido não foi *vista* por nenhum dos dois (Leo Peter e Rudolf Lingens), a apreensão do acontecido difere entre estes dois. Segundo que ideias se têm e ponto final. E, dentro deste ato de ter, há ao lado estados de alma - sensações, percepções, sentimentos, recordações, inclinações, desejos, etc. Todos estes diferentes em cada pessoa. Sendo assim, uma ideia que alguém tenha pertence unicamente ao seu conteúdo de sua consciência e não além disto. Mesmo que o indivíduo A profere os seus sentimentos, sensações, etc., o indivíduo B não as recebe de modo idêntico. Terceiro que as ideias precisam de um portador, de um enunciador que contenha somente ele estas mesmas ideias. Quarto que as coisas do mundo exterior podem até ser idênticas para ambos indivíduos, mas coisas do mundo interior são absolutamente únicas. Quinto que cada ideia tem apenas um portador, logo, duas pessoas não podem ter a mesma ideia idêntica em sua forma, tonalidade, movimento, nuances, etc. Dito isto, a sentença “Dr. Lauben foi ferido” pode parecer, à primeira vista, a mesma para todos os participantes da enunciação por se tratar de um acontecimento efêmero, cotidiano, comum, muito presente na vida de qualquer um, mas isto é apenas uma ilusão.

Leo Peter é o primeiro a ouvir de Dr. Lauben que este foi ferido. Sendo assim, Leo Peter não é o próprio Dr. Lauben, não foi aquele que foi ferido, logo, a impressão sensorial e, conseqüentemente, a imagem do pensamento não é a mesma. As leis psicológicas do pensamento diferem de pessoa para pessoa. Se não foi Leo Peter que não foi ferido, logo ele não terá a mesma percepção que à daquele ferido, o Dr. Lauben. O fato de ser ferido contém uma porção de subjetividade e de sensibilidade que difere daquele que não foi. A pessoa Leo Peter, que não foi ferido, jamais terá, na formação de seu pensamento, o mesmo pensamento que o do que foi ferido, Dr. Lauben. O mesmo se poderia dizer do outro coenunciador, o Rudolf Lingens. Se a enunciação na primeira recepção e no primeiro contato com a informação “Eu fui ferido” (Dr. Lauben) por Leo Peter não conteve o mesmo pensamento, o que dizer da segunda recepção e do segundo contato com relação a Rudolf Lingens. Na verdade, antes do contato da informação

pelos coenunciadores, já houve um contato prévio a este antes mesmo da sentença ser proferida. O primeiríssimo contato seria o do próprio Dr. Lauben com ele mesmo, com a experiência de ser ferido. Sendo assim, é possível para o enunciador, o Dr. Lauben, proferir uma sentença como “eu fui ferido” para os ouvintes, mas, no momento em que ela é proferida, a mesma sentença ouvida por ambos coenunciadores difere em sua extensão e em sua intenção. Leo Peter pode pensar: “que pena, Dr. Lauben foi ferido” ou Rudolf Ligens pode pensar: “Dr. Lauben não tem cuidado”. Tudo isto para dizer ordinariamente que os pensamentos entre estes homens nunca serão os mesmos.

Para que fique mais claro, podemos dizer assim: passeio com um companheiro. Vejo uma montanha cinza; tenho a impressão visual do cinza. Esta ideia da montanha, do cinza, da forma, da tonalidade ou mesmo da percepção destes elementos jamais será a mesma para duas ou mais pessoas. O interessante a notar é que não só a impressão, a sensação não será a mesma, como também o modo de pensar ou de construir um pensamento em relação a esta impressão não será o mesmo. Há, no pensamento, distorções, acasalamentos, disjunções, reconexões, desconfigurações, reaproximações, rupturas, etc. Sendo assim, o modo como eu recebo na consciência determinado estímulo visual, sonoro, tátil, etc. difere precisamente do modo como eu o vejo, ouço ou tateio no momento real de apreensão do objeto. Imagina isto de pessoa para pessoa. O problema da apreensão se elevaria distintamente. Sobre isto, Frege (2002, p. 24) diz: “é impossível comparar minha impressão sensorial com a de outrem. Para isso seria necessário reunir, em uma mesma consciência, uma impressão sensorial pertencente a uma outra consciência”. Ou seja, não tem como Leo Peter ser ou estar na consciência de Dr. Lauben, o mesmo se poderia dizer de Rudolf Ligens. Se a apreensão do acontecido não é a mesma, o que dizer então da construção da sentença no pensamento.

Sendo assim, “se alguém toma os seus pensamentos como ideias, o que ele reconhece como verdadeiro é um conteúdo de sua consciência” (FREGE, 2002, p. 27). Logo, nada diz respeito às demais formações de conteúdos de consciência, a imagem da sentença no pensamento de alguém só poderá ser verdadeiro para este alguém. Mesmo que este objeto que eu vejo seja também observado por outras pessoas e outras consciências, o substrato deste domínio mental é comum apenas para cada consciência em seu sentido particular. Tal domínio mental pode ainda se alargar e eu pensar que o conjunto de coisas que eu poderia ver seja vazio, imperceptível, ou seja, não vejo nem coisas, nem homens, mesmo assim, se criarão em minha mente ideias ou imagens destas coisas que eu não poderei ver. O fluxo do pensamento é recursivo, ilimitado e imediato. Há pensamento enquanto houver vida, logo, mesmo que eu não veja, sinta, perceba coisas ao meu redor, eu ainda assim crio ideias destas coisas que poderiam aparecer a mim de alguma forma. Com isto, o problema da apreensão da verdade da sentença no pensamento se alargaria sendo muito mais difícil, ou melhor, impossível que outrem possa notar ou validar que a ideia que tenho em mim seja verdadeira. O caso é que, segundo a ótica fregeana, se não há portador de ideias, então também não há ideias.

A ideia que eu tenho do mundo não sobrevive em mim sem mim. É preciso da consciência de um eu para que a ideia sobreviva em mim. E, mesmo as ideias que eu acho que não fazem parte de mim, elas acabam fazendo parte porque basta para isto eu pensar ou ainda ter a intenção de pensar naquela coisa. Antes mesmo de eu querer pensar, o pensamento já está lá, vivo, translúcido, aparece a mim imediatamente. A velocidade com que me aparece é infinitesimal.

É de se pensar ainda se eu próprio sou para mim uma ideia quando eu penso que eu sou uma ideia de mim mesmo. Cada portador é dono de uma forma de pensar mais do que de construir um pensamento. E aí voltamos rapidamente ao problema da verdade no exemplo anterior de Frege (2002). Dr. Lauben tinha uma forma de pensar de que ele foi ferido diferentemente de Leo Peter e Rudolf Ligens. Entre os intervalos entre estes conteúdos de consciência, há tempos diferentes, espaços mentais diferentes, impressões sensoriais diferentes, etc., logo coexistirão também formas de pensar bem diferentes. A apreensão do mundo real para cada um destes portadores é diferente, quiçá o mundo interno das representações. A sensação de ser ferido (Dr. Lauben) difere da imagem da percepção sensorial coconstruída de Leo Peter que difere da demonstração de ordem secundária da imagem de ser ferido de Rudolf Ligens. Por fim, verdades no pensamento equivalem às formas diferentes do pensar.

3 A indexicalidade no pensamento

Como expressões-tipo, os indexicais não se referem. É partindo-se somente dos *tokens*¹ que são, por natureza, reflexivos, que a referência indexical é construída e, ao mesmo tempo, arquivada (para futuras novas referências), segundo relações entre os *tokens* do indexical e as “entidades” no contexto de revelamento. Os *tokens* refletem. Por exemplo, os índices, de origem peirciana, significam na língua em virtude da relação existencial com as entidades no contexto em que este signo é refletido. Os *tokens* têm a função de refletir a aparição invisível dos índices, sejam estes, temporais, espaciais ou pessoais. Como signo do fogo, a aparição de fumaça em um determinado local é indício de fogo, logo o signo indexical significa uma relação causal com o fogo. Os indexicais são índices. Ou melhor, são, na verdade, símbolos e índices e pertencem à categoria híbrida de “símbolos indexicais”. O indexical do “eu” é um indício de pessoa, o indexical do “aqui” é um indício de espaço/lugar e o indexical de “agora” é um indício de tempo. Vejam, numa primeira apreensão, que os indexicais não são diretamente os signos existenciais de pessoa, espaço e tempo, ao contrário, estes mesmos indexicais são uma espécie de signo que sem a existência dos *tokens* para refletir os possíveis índices não há como existir os indexicais. O que torna os indexicais propriamente “concretos” são os reflexos dos “cristais” dos *tokens*. Toda a semiose é construída de modo invisível, não tem como ver ou perceber o processo constituinte destas entidades, os *tokens* estão encrustados ou intrínsecos aos indexicais, sua formação é tão veloz que se passa despercebido. Acontece imediatamente. Quando o indexical é formado, já foram cristalizados todos os reflexos dos *tokens*.

E os pensamentos indexicais? Se os indexicais são, por natureza índices, os pensamentos indexicais são uma porção prévia de índices anterior aos índices dos indexicais comuns. Vamos explicar melhor. Se os indexicais comuns são propriamente constituídos por índices, os pensamentos indexicais, por serem “pensamentos”, estão na origem das designações indiciais. Ou seja, um pensamento indexical é o germe originário que desencadeou, junto aos *tokens*, outros possíveis indexicais comuns. Se estes indexicais comuns têm uma relação existencial com as entidades que os produzem, os pensamentos indexicais têm uma relação existencial com os índices retrospectivos destas entidades que estão na origem destas designações. No início do século XX, David Kaplan (1933 -?), antes de François Rëcanati, foi um dos primeiros filósofos da

1 De origem peirciana, os *tokens* são nada mais que sinais, indícios, pistas os quais são naturalmente invisíveis e que fazem parte da construção de arquivos mentais desencadeados da memória demonstrativa.

linguagem a trabalhar com os pensamentos demonstrativos (*demonstratives thoughts*). Segundo Kaplan (1979), o que nós devemos fazer é distinguir duas noções epistemológicas cruciais: os objetos do pensamento (o que Frege chamou de “pensamentos”) e a significância cognitiva de um objeto do pensamento. Na esteira de Frege, nós já percebemos no tópico anterior que, mesmo sendo difícil para a Lógica descrever a validade da verdade para as leis psicológicas do pensamento, ainda assim, isto é possível. Ou melhor, mais do que possível, é essencial para a interpretação completa da sentença. Porém, o que Kaplan (1977) enfatiza é a significância cognitiva de um objeto do pensamento (*cognitive significance of an object of thought*).

O que isto quer dizer? Que na interpretação dos pensamentos indexicais deve-se levar em consideração a atenção consciente (*conscious attention*) durante a apreensão das propriedades de uma sentença que é objeto do pensamento. Vimos anteriormente que toda sentença, seja ela verbal ou não, é um objeto do pensamento e que, na perspectiva dos pensamentos indexicais, estes seriam um conjunto de objetos do pensamento que são previamente constituídos antes e durante a construção de uma sentença. Se a sentença é um objeto do pensamento (no sentido fregeano), o pensamento indexical é uma espécie de pensamento anterior ao pensamento da sentença que é objeto do pensamento. Ou seja, as experiências perceptivas sensoriais (visuais, auditivas, tateis, olfativas), as experiências temporais (presença, memória), as experiências espaciais (movimento, constructo, estrutura) e as experiências pessoais (desejos, volições, atos, remissões) são condições essenciais para a formação de um pensamento dentro da construção do pensamento de uma sentença. Por exemplo, na sentença “senti aquele cheiro de violetas”, o que está em jogo no objeto do pensamento da sentença é a experiência perceptiva sensorial olfativa e, ainda mais, visual. A verdade da sentença deve seguir alguns fatores como: a apreensão sensível daquele cheiro singular das violetas, o tempo pelo qual aquele cheiro foi desencadeado, o local onde a enunciação ocorre (se no amplo campo aberto de flores ou em um local da casa fechado) e a condição existencial do vivente (o seu *pathos*). Todos estes fatores determinam se realmente o que ele estava sentindo era o cheiro de violetas.

Voltamos, então, ao problema do tópico anterior. A verdade do pensamento desta sentença só pode ser constatada somente pelo portador de tal sentença e ninguém mais. Diferentemente da sentença “o sol se levanta”. Para eu constatar isto, basta que eu levante toda a manhã e perceba a verdade deste fenômeno. Este é o ponto singular dos pensamentos indexicais: eles são formados por um ato consciente de uma pessoa que experiencia singularmente este fenômeno. Agora, ao contrário seria se eu dissesse “vejo que o sol se acinzentou”. Neste caso, não é outro campo visual que vê o indício de cinza no sol, mas apenas o meu. As impressões sensoriais não são de outrem, mas minhas. Por isso que a verdade do pensamento da sentença será a constatação da verdadeira origem do pensamento anterior à sentença, aquele pensamento cujo aparecimento me forneceu indícios sobressalentes sobre o contato, físico ou mental, com o objeto observado. Dito em outras palavras, o cheiro de violetas ou o cinza do Sol só podem ser constatados como coisas verdadeiras voltando-se para a singularidade do passado daquele ser vivente. Sendo assim, o pensamento anterior à sentença é o mesmo que a memória retrospectiva demonstrativa. Este termo *demonstrative memory* foi designado por Rëcanati (2013). Vejam que na sentença “senti *aquele* cheiro de violetas”, há linguisticamente o uso de um elemento demonstrativo. Este demonstrativo é o único indício concreto de que a sentença não é originada do contato com o mundo real, mas do contato virtual com o objeto que foi anteriormente percebido.

Pensamento atrás de pensamento. Esta é a dinâmica dos pensamentos indexicais. O cheiro de violetas não está mais presente, ou melhor, ele se *presentificou* partindo-se dos índices de uma porção prévia de uma experiência anterior. Notadamente, a sensação do cheiro de violetas de agora, este da sentença, não é o mesmo do evento anterior com as mesmas ou outras violetas. O cheiro anterior que envolve a mente do portador da sentença conecta-se ao cheiro atual da experiência corrente. O eu pensa imediatamente, no recurso ao demonstrativo “aquele”, que o cheiro das violetas é o mesmo ou se assemelha àquele de uma experiência passada. O “aquele” seria um signo indexical, ou melhor, um pensamento indexical. Ele é o gatilho do pensamento da sentença que fez recuperar ou desencavar da memória retrospectiva do eu indícios próximos à sensação anterior do cheiro de violetas. Para o eu, o cheiro parece ser o mesmo porque ele já o sentiu algum tempo atrás, mas a cada nova experiência sensorial se acoplam novos revestimentos sensoriais. A temporalidade, o espaço e a condição subjetiva do evento atual não são os mesmos. Tudo isto faz modificar o fluxo do pensamento. Fazer uso de pensamentos indexicais requer uma reinserção, ou melhor, requer uma nova atualização do componente mnemônico. Afinal, a memória retrospectiva, nestes casos, sofre constantes reapropriações, deslocamentos, recuperações, etc. Então, embora o eu tenha acionado um pensamento indexical como “aquele cheiro” no intuito de *reviver* aquela sensação, fica nítido que estamos trabalhando com uma nova sentença, logo, um novo rearranjo, uma nova formação do modo de pensar. Sensações não se repetem tal como foram antes, isto é uma ilusão. Para que o leitor passe a entender melhor o assunto, vamos a alguns exemplos:

Você vê um pássaro no fundo do seu jardim. Você olha de perto e, ao mesmo tempo, pensa que não tinha visto “aquele pássaro” aqui antes. Mais tarde, você pode se lembrar do pássaro na “imaginação visual”, talvez se perguntando se “aquele” era um migrante. Além disso, em outros encontros perceptuais com pássaros, você às vezes considera que aquele pássaro é o mesmo pássaro, e pode novamente formar “pensamentos adicionais” sobre ele, como “aquele pássaro” tem um canto agradável (...) (RECANATI, 2013, p. 1845, tradução minha).

O que acontecera com o exemplo do cheiro das violetas também acontece aqui só que o que está em relação não são experiências olfativas e sim visuais. Ao pássaro que eu vi antes no jardim, posso não me lembrar posteriormente, no entanto, uma semelhante imagem de pensamento do pássaro pode inesperadamente aparecer para mim e eu relembrar que o tinha visto no fundo do jardim. Recanati chama isto de imaginação visual. Os pensamentos indexicais se retroalimentam de aspectos imaginantes, de reaparições fantasmáticas e inesperadas. Será que o pássaro que eu vi posteriormente na minha mente é o mesmo pássaro do evento anterior do jardim? Aqui, não trabalhamos com pensamentos dentro de outros pensamentos, mas com uma experiência real, atual e viva que reapareceu à mente do eu. Sucessivas e recorrentes vezes eu posso me lembrar do pássaro, mas, dito mais uma vez, ele não é o mesmo. Há, portanto, interpolações, rearranjos, o novo e recorrente pássaro pode aparecer com novas formas, novos esboços, com outras tonalidades. A nova imagem do pássaro pode ser para o eu o mesmo pássaro simplesmente por ele acreditar que o viu anteriormente no jardim, mas este novo pássaro cocriado é apenas um remodelamento do contato atual provocado no ambiente do jardim.

O mesmo portador desta imagem do pássaro pode contar a outrem que viu um pássaro no fundo do seu jardim. Também, neste caso, o pássaro que o outro vê jamais será o mesmo. Se não foi com a própria revelação do pássaro para o eu, imagina para um outro. A verdade

do pensamento desta sentença está mais para o eu que vivenciou o ocorrido muito mais do que para um outro. É que o pensamento que se forma na mente de um outro tem sua forma secundária, ou seja, seu pensamento está muito mais distante da proximidade do que foi relatado pelo eu. O outro não experienciou as mesmas impressões, o outro não está no eu, não é o eu, o seu pensamento apenas construiu um simulacro do evento contado pelo eu. O mesmo se poderia dizer em relação às recursivas vezes que o próprio eu pensar em múltiplas vezes no “mesmo” pássaro. A cada encontro perceptual imaginante com o pássaro, serão coconstruídos novos rearranjos, novas tonalidades até que, em um momento posterior, após se possível décadas, o eu passe a crer que aquele pássaro (com os mesmos caracteres) que houvera visto no jardim desaparecera, passando a formar novas apreensões do pássaro-modelo, que obviamente estão distantes da sensação de sua primeira aparição. Vamos a um outro exemplo:

Resta-nos, então, aquilo que misteriosamente toca nosso espírito - a canção de uma mãe chamando em uma noite de verão, um hino de muito tempo atrás que soa suavemente em nossa mente, a visão de carros alegóricos animados e coloridos e o horror que bate à nossa porta quando pensávamos estar seguros (KOTRE, 1997, p. 65).

Neste exemplo, o pensamento indexical (aquilo) seria um aglomerado de sensações nostálgicas, todos eles fenômenos que, na visão de Kotre, “tocam o espírito”. Ao meu ver, o pensamento indexical seria uma espécie de teoria ou conceito espiritualista. Uma espécie de signo que nos reconecta à nostalgia do passado. Para a constatação da verdade do pensamento deste enunciado seria preciso a interiorização por parte do eu das impressões sensoriais que tocam o espírito. Como: “uma mãe chamando numa noite de verão”. A isto, recordamos nossa infância quando brincávamos nos bosques ou nas ruas ou mesmo quando ficávamos entretidos com brincadeiras na adolescência. A aquilo que uma mãe chama pode ser diferente para cada conteúdo de consciência de outrem. Aqui, a verdade do enunciado depende das experiências imaginantes de cada ser vivente. A aquilo remete também “ao hino de muito tempo atrás que soa suavemente em nossa mente”. Novamente, reaparece o mesmo problema sobre a validade de esta sentença ser verdadeira ou não. Na perspectiva do hino que reaparece, é praticamente impossível para a condição humana recuperar notas musicais, sons ou ruídos como eles eram em momentos anteriores. Se não é possível para a reconstrução imagética de uma experiência visual ou olfativa, o que dizer de experiências sonoras. Neste caso, a verdade de ouvir o mesmo hino tal como antes está longe de ser constatada. O mesmo se poderia dizer de carros alegóricos, cada um tem a sua percepção virtual de festas carnavalescas, cada um irá reinserir na mente momentos singulares com carros alegóricos, logo, este mesmo objeto que eu vi e lembrei não será idêntico ao que o outro viu.

Sobre “o horror que bate à nossa porta”. Cada ser vivente terá sua apreensão fantasmagórica do seja um horror. Pode ser que para mim eu recorde o horror de assistir Hannibal Lecter que para outro não seria tanto assim um horror. Ou eu posso recordar de um assassinato no metrô. Aqui, o horror não seria uma característica de verdade ou falsidade. Mas, se uma pessoa diz: “sinto o horror de Wall Street”, aí sim nós poderíamos levantar o valor de verdade. Porém, como disse anteriormente, para saber sobre o valor de verdade, neste caso, eu teria que ser a pessoa, pensar por ela. O outro pode até sentir uma coisa parecida, mas estaria muito longe da verdadeira sensação. Se para o próprio eu não é a mesma sensação, imagina para outrem. O uso do elemento demonstrativo “aquilo” neste enunciado aponta para vários canais de significação: ou é a mãe que

chama, ou o hino que soa, ou os carros alegóricos ou ao horror que nos invade. Estas sentenças não deixam de ser formadas por pensamentos indexicais os quais rompem a camada de passagem do atual e fazem passar o virtual. Em outros termos, os pensamentos indexicais ressuscitam as formas ou os elementos “mortos” de uma sentença e dão uma nova vida a eles.

4 Considerações finais

Apresentamos uma teoria particular dos estudos da linguagem, os pensamentos indexicais. Inicialmente, recuperamos a noção de “pensamento” fregeano afim de complementar as análises aqui apresentadas. Vimos que, para a Lógica, pensar na verdade do pensamento de uma sentença requer a recuperação de múltiplos fatores que não são necessariamente “lógicos”. Mas, para voltarmos a análises sobre o valor de verdade de determinadas sentenças, é imperioso recorrer às leis psicológicas do pensamento. Contudo, com todo o cuidado. Vimos que os indexicais já são propriamente índices do pensamento e o que dizer então dos originários pensamentos indexicais. Estes já são o pensamento-primeiro, o germe que fez nascer os demais pensamentos. Há, portanto, um pensamento superior anterior a toda formação de novos pensamentos. E, para validar a verdade de uma sentença com pensamento indexical, é fundamental recorrer ao ponto originário desta sentença. E mais: sentenças com pensamentos indexicais precisam acima de tudo da constatação tão somente do portador desta sentença. Só ele sentiu, percebeu, experienciou. A verdade da sentença no pensamento requer do eu a apreensão mais *próxima* possível de suas experiências. Nesta perspectiva, do outro não se espera muito da verdade da sentença porque o seu pensamento está ainda mais distante do que do portador da sentença. Sendo assim, mais distante ainda estaria o pensamento de outros e mais outros. O legado desta teoria é que quanto mais voltarmos para trás, mesmo que isto seja difícil, quanto mais lembrarmos mais precisamente dos acontecimentos passados, mais estaremos próximos dos pensamentos originários e aí sim estaremos mais próximos do valor de verdade. Logo, nos referimos a verdades próximas e não “perfeitas”.

Referências

- BENVENISTE, É. **Problemas de linguística geral II**. São Paulo: Pontes, 1989.
- FREGE, G. O pensamento: uma investigação lógica In: FREGE, G. **Investigações lógicas**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002, p. 9-39.
- KAPLAN, D. On the logic of demonstratives. **Journal of Philosophical Logic**. vol. 8. n.1, 1979, p. 81-98.
- KOTRE, J. **Luvas brancas**: como criamos a nós mesmos através da memória. São Paulo: Mandarim, 1997.
- LAHUD, M. **A propósito da noção de dêixis**. São Paulo: Ática, 1979.
- LEVINSON, S. C. **Pragmática**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- PEIRCE, C. S. **Semiótica**. São Paulo: Perspectiva, 1977.

RECANATI, F. Perceptual concepts: in defense of the model indexical. **Synthese**, Springer Verlag. (Germany) v. 190, p. 1841-1855, 2013.

SANTOS, C. **Bons tempos aqueles**: implicações na expansão do campo dêitico. (Dissertação de Mestrado em Letras), São Cristóvão: UFS, 2014.